

Relação homem-animal na medicina veterinária

por Arthur Barretto - (veterinário e vegetariano)

Ao questionar acadêmicos sobre por qual motivo optaram pela medicina veterinária como profissão, muitos responderão que fizeram esta escolha devido ao fato de gostarem de animais e desejam cuidar deles. Talvez nenhum diga que fez a escolha por querer matá-los. Porém, muitos dirão que querem trabalhar com animais de produção...

Para alguns colegas, criar para matar não faz sentido. Por isso, mesmo tendo tido experiências na área de produção

animal, alguns adotaram caminhos alternativos, evitando as atividades que fossem capazes de produzir sofrimento aos animais, chegando, inclusive, a tornarem-se vegetarianos.

Entre os motivos pelos quais cada vez mais pessoas estão se tornando vegetarianos estão:

- a compaixão pelos animais, que se estende não somente ao fato do abate, mas à toda cadeia produtiva que adota técnicas lucrativas, mas ao mesmo tempo,

produtoras de sofrimento;

- a compaixão pela natureza, pois a cada dia é destruída mais área de florestas para ser substituída por pastagens;

- a busca por uma dieta saudável, que proporcione bem-estar físico e espiritual;

- a busca pela paz universal, que para ser alcançada precisa estar presente em todas as atitudes do dia-a-dia, inclusive nas refeições. Isto é bem definido por Gandhi através da palavra em sânscrito *ahimsa*, que significa não-violência.

Médicos Veterinários vegetarianos

Roberto Marchesini é médico veterinário, escritor e filósofo. Publicou numerosos artigos e pesquisas sobre o relacionamento homem-animal e sobre aplicações didáticas e assistenciais da relação com o animal. Dentre os livros que já publicou estão: *Nuove prospettive nelle attività e terapie assistite dagli animali* (Novas perspectivas nas atividades e terapias assistidas pelos animais - Edizioni Scivac, 2004); *Bioetica e scienze veterinarie* (Bioética e Ciência Veterinária - ESI, 2000); entre outros. Além de ser presidente da Sociedade Italiana de Ciências Comportamentais Aplicadas e diretor da Escola de Integração Homem-Animal, também ensina ciências comportamentais aplicadas em várias universidades italianas.

Em agosto, Roberto Marchesini virá ao Brasil e estará apresentando no 1º Congresso Vegetariano Brasileiro e Latino-Americano o tema: *Dentro dos campos de concentração zootécnicos - os horrores da criação intensiva contemporânea*.

“A relação com o animal doméstico baseia-se na adoção e na socialização. O animal confia na pessoa que o cria e se coloca nas mãos do homem. Esta relação é traída pelo matadouro e pelos modernos métodos de criação intensiva. O sofrimento dos animais nestas criações é ligado à lógica de produção que transforma as granjas em verdadeiros campos de concentração e tortura. Na minha apresentação, pretendo mostrar os horrores destas criações e demonstrar como o vegetarianismo é o único caminho para restabelecer o pacto com os animais”, enfatiza Marchesini.

Maria Izabel Ribas Valduga



“Quando cursei medicina veterinária, o meu foco estava nas granjas de aves. Porém, conviver com o sofrimento dos animais estava me colocando em dúvida

sobre minha realização profissional e pessoal. Como ser eficiente me dedicando a um propósito no qual eu não acreditava mais? Como trabalhar num ambiente de angústia permanente? Ao fazer meu estágio curricular numa clínica de odontologia veterinária, o Odontovet, descobri o meu caminho, despertando para uma área onde o trabalho tem o objetivo de proporcionar bem-estar aos animais. Sou vegetariana há 9 anos, e trabalho com satisfação, há 8 anos, em meu próprio centro de odontologia veterinária, o Odontocão, em Curitiba, PR”.

Aulus Cavalieri Carciofi



“Desde o segundo ano do curso de medicina veterinária, decidi por não comer os animais, os quais considero como meus amigos.

Minha carreira profissional seguiu por uma linha na qual não me envolvo com a morte de animais. Há mais de 10 anos trabalho com nutrição clínica, na cadeira de professor, na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, da Unesp, de Jaboticabal, SP. Além disso, minha família também compartilha dos mesmos princípios.”

Sheila Waligora



“Desde os 7 anos de idade reclamava com minha mãe porque ela colocava bife no meu prato... Durante muito tempo eu realmente tentei comer carne, tentei ser 'normal'. Mas carne não me fazia bem, o meu organismo rejeitava, eu passava mal a cada vez.

Ainda adolescente me interessava muito por vegetarianismo e comportamento animal. Lia tudo que aparecia na minha frente, frequentava restaurantes macrobióticos e vegetarianos, que naquela época, eram raros.

Meu curso de veterinária foi convencional, com bastante baixaria e bastante uso de animais sem necessidade, para aulas, experimentos etc. Eu era incapaz de me posicionar contra a situação e fazia parte da turma que sofria sem nem saber direito... fui educada para concordar e ser boazinha!

Depois de formada logo comecei a me interessar por homeopatia, tratamentos com plantas medicinais e acabei me tornando inspetora em pecuária orgânica. Porém, continuava sofrendo porque não queria colocar minha energia para estimular a criação de animais de corte, orgânicos ou não!...

Passaram-se mais alguns anos, muita cobrança, até que finalmente me posicionei. Tirei o time de campo, passei a me recusar a fazer inspeções e consultoria para pecuária orgânica e comecei a me dedicar exclusivamente ao trabalho que faço atualmente, comunicação entre espécies. Trabalho para contribuir para a expansão da consciência do ser humano em relação às espécies animais, vegetais, minerais e tudo que existe fora do nosso campo de visão. Dou cursos e palestras sobre o tema em diversos locais do Brasil e também divulgo esta atividade através do endereço www.comunicacaoentreespecies.com.br.”

Rita Garcia



“Acredito que todos que prestam medicina veterinária o fazem por gostarem de animais. Dificilmente alguém vai fazer o curso com a intenção de querer trabalhar em um matadouro ou fazer experimentos com animais. Mas desde o primeiro momento que temos acesso ao ambiente acadêmico, se inicia um processo de dessensibilização. Em cada aula, um pouquinho... Somos convidados a lidar com os animais

como se fossem produtos ou material objeto de observação e pesquisa. Demonstrações de afeto e carinho para com eles eram tidas como demonstrações de descontrole emocional. E todos vestimos a nossa máscara. E todos nós nos formamos matando e usando vários animais com o discurso de 'Se é necessário fazer para salvar outras vidas...' ... e desprezando aquelas que, em silêncio, nos pediam socorro.

Na primeira aula onde usaram um camundongo para demonstração de choque anafilático, não sabia que o animal iria morrer. Achei que um tratamento também seria objeto da nossa observação. O animal morreu e foi jogado no lixo. Enquanto estava tendo o choque, olhei para os meus companheiros e ninguém, aparentemente, estava abalado com o fato. Era um fato normal. Era um fato normal? Uma colega levantou a discussão sobre o fato, não foi ouvida e foi marcada para o resto do curso. Calei-me.

No segundo ano, uma cabra seria morta para visualização in locu de parasitas intestinais. Eu e uma colega fomos roubar a cabra antes da aula. Quando estávamos tirando a cabra do caminhão e a colocando dentro do chevette, a professora apareceu. Fomos parar na diretoria. Perigo de expulsão. A informação havia vazado. O medo da expulsão nos fez calar até o final. Infelizmente.

Nos anos que se seguiram, as aulas com experimentos não faziam parte da minha agenda. Jogar bola era melhor.

No quarto ano, uma série de visitas em matadouros me fez parar de comer carne vermelha e suína. Na seqüência, carne de frango, peixe, crustáceos etc...

Ao entrar no matadouro pela primeira vez, não acreditava que eram aqueles animais que chegavam no meu prato em forma de bife. Se soubesse, havia parado antes e não teria feito parte do sofrimento desses nossos companheiros de vida."

Tatiana Cristina Beretta



"Eu Tatiana Cristina Beretta, médica veterinária acupunturista, sou vegetariana há oito anos. Antes de trabalhar com acupuntura, eu trabalhei com nutrição animal, freqüentando muitas granjas de aves e suínos, e pude constatar, que em muitos destes estabelecimentos, os animais são abatidos cruelmente e de forma clandestina, com marretadas, sendo também obrigados a permanecer em locais de superlotação, em condições desumanas no pré-abate, não respeitando o abate humanitário. Infelizmente é esta a realidade do nosso país. E esta situação ocorre com bovinos, ovinos, eqüinos, peixes etc. Eu nunca gostei muito de carne, justamente porque

sempre queria saber a origem da carne, o que para muitos restaurantes e churrascarias, esta desconfiança é uma ofensa.

Eu me alimento com proteína de soja, e me sinto muito bem, não sofro de nenhum tipo de carência, não sou anêmica etc.

Muitos estudos demonstram a importância das isoflavonas da soja ajudando o corpo a regular os níveis de estrogênio, aliviando os sintomas de TPM, ajudando a tornar mais lenta a perda óssea e a inibir o enfraquecimento dos ossos.

A minha única insatisfação com relação a soja é que, infelizmente, muitos produtos acabam sendo muito caros, como o leite, o que para mim, não tem lógica. A soja que temos no nosso país, a qual alimenta até estes pobres animais condenados ao abate, é em quantidade suficiente para alimentar todo o nosso país e ainda sobra.

Sou vegetariana com muito orgulho e não preciso sacrificar a vida de um animal para sobreviver. Basta ser consciente, selecionar a dieta, se educar na mesa, saber usufruir de todas as fontes da rica natureza brasileira, sem sangue, sem sacrifício."

Eduardo J. Diniz da Gama



"Há 20 anos, resolvi ser fazendeiro e matar boi para saciar a fome do Brasil. Uma espécie de veterinário peão com ideologia... Comer carne era somente comer carne..."

Na disciplina de ecologia, durante minha graduação, meu tema sorteado no seminário foi "Comparação entre o comportamento social do homem e o animal". Quase abandonei a veterinária! Como festejar uma bodas, por exemplo, matando uma mãe ou um pai que protege, alimenta, conquista territórios por sua prole com os mesmos hormônios que motivam nossos ânimos e desejos? Como sentir prazer em degustar o cadáver de um ser com sentimentos muito próximos aos nossos? Os norte-americanos gostam de caçar e nós achamos brutal, mas nós pagamos para um único homem matar centenas de vidas num único período. Vá um dia passear com a família num abatedouro em pico de atividade como se passeia numa churrascaria cheia! Vá ver de perto a frieza com que centenas de seres são mortos. Leve sua família para conhecer a frieza com que morrem esses seres que vão parar na mesa das pessoas ou nos cardápios dos restaurantes..."

Desde os primórdios até há cem anos, era normal açoiar escravos nas propriedades. Hoje o mundo todo já não admite esta prática. Um dia, será hediondo matar e maltratar um ser com no mínimo cara e coração. Olhar para uma câmara fria com corpos pendurados será

comparado a campos de extermínio (o que não deixa de ser!). Amar ao próximo será entendido com a devida amplitude com que foi ensinado há dois mil anos...

Minha carreira profissional não poderia seguir por esse caminho. Encontrei a acupuntura, tornando-me professor de acupuntura veterinária e construtor de cadeira de rodas para animais paralíticos (VetCar - www.vetcar.com.br)."

Cláudia Rodrigues de Oliveira



"Sou vegetariana desde os 14 anos de idade. Optei por essa 'filosofia de vida' por amor aos animais e por indignação em relação ao pensamento humano de sacrificar um número de animais muito maior do que o necessário para o consumo, na maioria das vezes pela ganância do retorno financeiro, sem a devida consciência de que vidas estão sendo tiradas. Esses animais muitas vezes são criados e abatidos sem preocupação com a ética e o bem-estar, um direito de todos os seres vivos. Além disso, devemos mencionar a destruição crescente de áreas de florestas nativas para a utilização com pastagens.

Há 10 anos venho realizando pesquisas na área de etologia e conservação do mico-leão-dourado, orientada pelo prof. dr. Carlos Ruiz-Miranda, na Reserva Biológica de Poço das Antas. Essa espécie, endêmica da Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro, ainda se encontra em perigo de extinção, principalmente devido à destruição do seu habitat.

Falta para nós seres humanos, a consciência de que fazemos parte de um todo e de que tudo está inter-relacionado. Sabendo-se que tudo na vida é cíclico, devemos considerar que o desrespeito generalizado pela interação com a natureza da qual fazemos parte, irá refletir em algum momento sobre nós mesmos."

Cristiana S. Prada



"Mas você trabalha no Instituto Pró-Carnívoros e é vegetariana?! Há 18 anos optei por ser vegetariana e já ouvi esta pergunta muitas vezes. As onças não são malvadas, aliás, seu comportamento predatório é necessário ao equilíbrio dos ecossistemas que elas habitam. E eu, bem, eu não sou uma onça. A resposta está aí. Nasci com outras ferramentas 'aguçadas' que posso utilizar para alimentar meu corpo e optei por usá-las. Abdicar da voracidade e optar pela estratégia foi a postura que escolhi não só na alimentação, mas em todas as relações com os seres da vida, incluindo a terra, a água e o ar."